

**Alegoria à educação: uma aplicação da metodologia de análise do autor
Joaquim Severino na obra *a república*, de Platão**

**Allegory to education: an application of the analysis methodology of the
author Joaquim Severino in the work *the republic*, of Plato**

DOI:10.34117/bjdv6n6-345

Recebimento dos originais: 11/05/2020

Aceitação para publicação: 15/06/2020

Joaquina Ianca dos Santos Miranda

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA

Instituição: Universidade Federal do Pará, FAED - Belém, PA

E-mail: joaquinaianca@gmail.com

Bianca Marinho de Souza

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA

Instituição: Universidade Federal do Pará, FAED - Belém, PA

E-mail: bmarinho2015@gmail.com

Ariana Souza Carneiro

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA

Instituição: Universidade Federal do Pará, FAED - Belém, PA

E-mail: arizouzac120@gmail.com

Amanda da Silva Barata

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA

Instituição: Universidade Federal do Pará, FAED - Belém, PA

E-mail: mandys13academico@gmail.com

Renan Augusto Moura Cardoso

Graduando do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA

Instituição: Universidade Federal do Pará, FAED - Belém, PA

E-mail: renn.augusto@gmail.com.

Sebastião Augusto Bentes da Silva Neto

Graduando do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA

Instituição: Universidade Federal do Pará, FAED - Belém, PA

E-mail: netojoanes2012@bol.com.br

RESUMO

Busca-se atingir dois objetivos com este trabalho: demonstrar a metodologia proposta por Severino (1996) para leitura, análise e interpretação de textos; e compreender o conceito de educação intrínseco à Alegoria de Platão. Para tanto, realizou-se as três análises das diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos – textual, temática e a crítico interpretativa – propostas por Severino (1996). O Livro VII da obra *A República*, de Platão, apresenta uma alegoria introduzida pela percepção de verdade do homem em relação ao mundo, desenvolvida em torno do pensamento da existência de uma realidade dessa verdade (mundo inteligível), que deve ser descoberta pelo homem para que saia da ignorância, concluindo que a educação correta (presente para ele no ensino do cálculo e da aritmética) leva o homem à reflexão e conduz a alma para o ser, relacionando conhecimento e educação, além de destacar a suas influências na política. Conclui-se que essas diretrizes possibilitam a compreensão e crítica de textos teóricos e tornam mais fluida a leitura a análise textual,

possibilitando chegarmos à consideração do pensamento platônico como atemporal e influenciador no campo da educação.

Palavras-Chave: Fundamentos da Educação. Platão. Metodologia.

ABSTRACT

It seeks to achieve two objectives with this work: to demonstrate the methodology proposed by Severino (1996) for reading, analyzing and interpreting texts; and understand the concept of education intrinsic to Plato's Allegory. For that, the four analyzes of the guidelines for reading, analysis, and interpretation of texts - textual, thematic, interpretive, and critical - proposed by Severino (1996) were carried out. Book VII of the work *The Republic*, of Plato, presents an allegory introduced by man's perception of truth in relation to the world, developed around the thought of the existence of a reality of this truth (intelligible world), which must be discovered by man in order to leave ignorance, concluding that the correct education (present for him in the teaching of calculus and arithmetic) leads man to reflection and leads the soul towards being, relating knowledge and education, in addition to highlighting its influences in politics. We conclude that these guidelines enable the understanding and criticism of theoretical texts and make reading and textual analysis more fluid, allowing us to come to the consideration of Platonic thinking as timeless and influential in the field of education.

Keywords: Fundamentals of Education. Plato. Methodology.

1 INTRODUÇÃO

Optamos por iniciar este trabalho com a explanação sobre as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos de Severino (1996). O autor define três análises para essa metodologia, sendo que a análise textual e temática são as etapas iniciais, e a análise crítico interpretativa a etapa final (SEVERINO, 1996). A aplicação correta dessas diretrizes possibilita a preparação para a leitura e a compreensão do texto, assim, tendo-as como base, iremos compreender a unidade delimitada dentro do livro VII da obra *A República*, de Platão.

As questões que mobilizam a etapa inicial da análise textual são: Quem é o autor e em que contexto ele estava inserido? Quais são as suas ideias bases? Em resposta a essas questões, estruturamos as seções: “O Contexto: A transição do pensamento grego, do *mythos* ao *logos*” e “Platão: seu pensamento e obra”. Segundo o autor, “deve-se assinalar, a seguir, o vocabulário: Trata-se de fazer um levantamento dos conceitos e dos termos que sejam fundamentais para a compreensão do texto” (SEVERINO, 1996, p. 52). Esse levantamento apresenta-se de forma distribuída ao longo do texto, no formato de notas de rodapé, sempre que julgar-se necessário. A seção que abrange todos os processos da Análise temática denomina-se “Compreendendo a alegoria de Platão”. Nela iremos:

Determinar o tema-problema, a idéia central e as idéias secundárias da unidade; refazer a linha de raciocínio do autor, ou seja, reconstruir o processo lógico do pensamento; evidenciar a estrutura lógica do texto, esquematizando a sequência das idéias (SEVERINO, 1996, p. 59-60). [sic]

Essas duas análises irão favorecer a compreensão geral do texto e sua execução tornará possível um maior aproveitamento da leitura, retirando o máximo de informações e possibilitando uma futura análise interpretativa e crítica da unidade delimitada. De acordo com Severino (1996), após compreendermos objetivamente a mensagem que expressa no texto, devemos tomar uma posição própria sobre o que foi enunciado, ou seja, dialogar com o autor.

Essa análise é denominada Interpretativa e trata-se de situar o pensamento da unidade em esfera mais ampla, verificando como a mensagem relaciona-se com a posição de outros teóricos, possibilitando o encontro de pressupostos – isso é, de ideias nem sempre claras no texto que justificam a posição do autor –, além de viabilizar a comparação das ideias do autor com a de ideias afins (SEVERINO, 1996).

Segundo Severino (1996), “o próximo passo da interpretação é a *crítica*. [...] a formulação de um juízo crítico, de uma tomada de posição [...]” (1996, p. 57). O autor enfatiza que esse juízo pode ser dado levando em consideração a coerência interna do texto – que testa a eficácia de seus argumentos para comprovar sua tese – e “levando-se em conta sua originalidade, alcance, validade e a contribuição que dá a discussão do problema” (SEVERINO, 1996, p 57). Aponta, ainda, que “[...] essa é a fase mais delicada da interpretação de um texto; é desde o momento em que a vivência pessoal do problema tenha alcançado níveis que permitam o debate da questão tratada”. (SEVERINO, 1996, p. 57).

Se baseando no debate de questões, Severino (1996) designa a problematização como a fase que sucede à análise interpretativa. Problematizar, para o autor, é levantar questões relevantes para a discussão e reflexão pessoal, e principalmente discussões em grupo, que irão conduzir o leitor a uma tomada de sentido crítico pessoal, vivenciar o problema proposto pelo autor. Os processos da análise interpretativa e crítica estão presentes nas seções “O homem na realidade: O Dualismo Platônico”, “A educação como libertadora” e as “As fissuras na Alegoria da Caverna”, ao problematizar nossas compreensões do texto trazemos a temática para o cenário atual e a condensamos na seção “Das Cavernas Contemporâneas”.

Tendo isso em vista, buscamos atingir um duplo objetivo: Exemplificar uma aplicação das diretrizes para análise e interpretação de textos teóricos e compreender o conceito de educação presente na Alegoria de Platão. Buscando responder às seguintes questões: Como as diretrizes propostas por Severino (1996) ajudam na leitura, análise e interpretação de textos teóricos? Qual o conceito de Educação presente na Alegoria de Platão?

2 O CONTEXTO: A TRANSIÇÃO DO PENSAMENTO GREGO, DO *MYTHOS* AO *LOGOS*

Platão (427 a.C.-347 a.C.) foi um filósofo da Grécia Antiga, discípulo de Sócrates e autor de diversos diálogos da Antiguidade que se perpetuaram até os tempos atuais. Para melhor compreender a importância de suas obras e suas teorias, faz-se necessário entender o contexto da Grécia Antiga e sua influência sobre o pensamento desse autor.

De acordo com Cambi (1999), a Grécia Antiga foi marcada por uma mescla de etnias e de culturas espalhadas pelo seu território irregular, com altos relevos, que ocasionaram o fracionamento natural da sua geografia e a fundação de reinos isolados e independentes ligados através do comércio, língua, escrita e profunda unidade espiritual. A Grécia mais arcaica foi assinalada por uma educação heroica, destinada à preparação dos jovens para as guerras e aventuras do mundo místico e desconhecido. Esse período sofre grande influência dos mitos “originados pelo desejo do homem de explicar fenômenos naturais que ele não pode compreender e que, não poucos, surgiram do desejo semelhante de explicar a origem de nomes de lugares e pessoas” (BULFINCH, 2002, p. 335).

Essa educação é esboçada na *Ilíada*, de Homero, e “se delineia como uma educação prática que une ‘língua’ e ‘mão’ e versa sobre o cuidado do corpo, mas não exclui a oratória” (CAMBI, 1999, p. 76). Vernant (2000) diz que, na obra de Homero, os mestres são associados à figura mitológica do centauro:

Eram seres selvagens ao mesmo tempo sobre-humanos, porque, como Quíron, representavam um modelo de sabedoria, de coragem, de todas as virtudes que um jovem deve assimilar para se tornar um verdadeiro personagem heróico: caçar, saber manejar todas as armas, cantar, dançar, raciocinar, nunca perde o domínio de si. Quíron vai ensinar a diversos meninos e sobretudo Aquiles. (p. 83).

Platão irá discutir suas ideias em um momento que marca a história do pensamento grego, o momento em que o *logos* está sobrepondo-se à imaginação. Vernant (1992) afirma que o *logos*:

Não é mais somente a palavra, onde ele assume o valor de racionalidade demonstrativa e se contrapõe nesse plano tanto pela forma quanto pelo fundo, a palavra do *mythos*. Contrapõe-se pela forma através da separação entre a demonstração argumentativa e a textura narrativa da narrativa mítica, contrapõe-se pelo fundo através da distância entre as entidades abstratas do filósofo e as potências divinas, cujas aventuras dramáticas são contadas pelo mito. (p. 174).

A partir do estudo realizado por Santos (2001), compreendemos essa passagem como lenta e gradual, o antigo e o novo conviveram em atrito por um longo período de transição até que os

contornos dos pensamentos de um e de outro tornaram-se mais precisos. Sobre isso, Eliade (2002) enfatiza:

A “desmitificação” da religião grega e o triunfo, com Sócrates e Platão, da filosofia rigorosa e sistemática, não aboliram definitivamente o pensamento mítico. Veremos que Platão ainda adere a esse modo de pensamento arcaico. [...] O gênio grego teria sido provavelmente incapaz de exorcizar, por seus próprios meios, o pensamento mítico, mesmo que o último dos deuses fosse destronado e seus mitos relegados ao nível de contos infantis. E isso porque, de um lado, o gênio filosófico grego aceitava o essencial do pensamento mítico, o eterno retorno das coisas, a visão cíclica da vida cósmica e humana, e porque, de outro lado, o espírito grego não julgava que a História pudesse tornar-se objeto de conhecimento. (p. 101).

Esse processo de ruptura no pensamento grego inicia-se principalmente com o surgimento das *polis*, cidades-estado gregas independentes entre si, notadas por “uma intensa vida comunitária, organizada em torno de valores e fins comuns [...], e regulada por leis estabelecidas pela própria comunidade” (CAMBI, 1999, p. 78) que assumem um aspecto democrático pelo qual a razão e, principalmente, a educação tornam-se mais ativas e necessárias. Entre as *pólis* da Grécia, Atenas – cidade-estado natural de Platão – foi um modelo de democracia e dona de uma formação cultural que valorizava o indivíduo, baseando-se numa formação humana livre, cultural e antropológica. Em relação à Atenas, Platão escreveu sua visão sobre o tipo de governo da época:

O regime político existente era abominado por muitas pessoas: ocorreu uma revolução. Tomaram a frente desta 51 cidadãos e foram estabelecidos como chefes, onze na cidade, dez no Pireu (o porto de Atenas), mas trinta constituíam a autoridade superior e gozavam de um poder absoluto. Vários deles eram meus parentes ou conhecidos; apelaram a mim como se eu fosse feito para esses casos. Como eu era muito jovem, achei isso muito natural. Acreditava ingenuamente que eles administrariam a Cidade de modo tal que, arrancando o Estado a uma existência injusta, o conduziram para o caminho da justiça; e observava ansiosamente o que eles iriam fazer. Ora, vi esses homens fazerem com que a ordem antiga parecesse uma idade de ouro. Entre outras coisas, quiseram que o meu caro e velho amigo Sócrates, que não temo proclamar como o homem mais justo do seu tempo, se juntasse a alguns outros, encarregados de procurar um cidadão e levá-lo à força para ser executado, com a finalidade evidente de fazer de Sócrates, quisesse ele ou não, cúmplice de suas ações. Mas Sócrates recusou-se a obedecer e preferiu correr os piores perigos a associar-se aos seus crimes. (PLATÃO, 1974, p. 324a).

Foi nesse cenário que Platão contribuiu para a mudança do pensamento grego. Embora ainda com resquícios da mitologia entranhados na sua filosofia, seu pensamento foi de fundamental importância para que a razão se tornasse condutora das ações e pensamentos humanos.

3 PLATÃO: SEU PENSAMENTO E OBRA

Compreendido o contexto histórico em que Platão estava inserido, devemos identificar seus precursores e de que forma eles influenciaram seu pensamento. Iniciaremos pelo pensamento pitagórico que, de acordo com Aristóteles (2002), foi grande influenciador da filosofia platônica. O autor afirma essa influência num trecho de sua obra *Metafísica*:

[...] posto que as Formas são causas das outras coisas, Platão considerou os elementos constitutivos das Formas como os elementos de todos os seres. Como elemento material das Formas ele punha o grande e o pequeno, e como causa formal o Uno: de fato, considerava que as Formas e os números derivassem por participação do grande e do pequeno no Uno. (p. 35).

De acordo com Hare (2014):

Os pitagóricos podem também ter sido a fonte da idéia, central ao pensamento de Platão, de que a matemática, e o pensamento abstrato em geral, incluindo a lógica, pode proporcionar uma base segura não só para a filosofia no sentido moderno, mas também para as teses substanciais no campo da ciência e da moral (p.21).

Pode ter sofrido influência também de Anaxágoras: “ele pode ter posto na cabeça de Sócrates ou Platão (nunca se sabe se o Sócrates do diálogo é o Sócrates verdadeiro) a idéia de que a alma tem um lugar na explicação do modo de funcionamento do mundo” (HARE, 2014, p. 25).

Do que se pode concluir do trabalho de Chauí (2014), Platão recebe grande fundamento da filosofia socrática. A dialética platônica é inspirada na maiêutica e ironia de Sócrates, e inicia uma questão através do debate de opinião. Essa dialética tem o objetivo de chegar à intuição intelectual de uma essência (CHAUÍ, 2014).

A intuição é outra influência de Sócrates, representa uma das formas de identificar e diferenciar o conhecimento verdadeiro da mera ilusão. Platão divide essas formas de conhecer em quatro graus: crença, opinião, raciocínio e intuição intelectual. Segundo Chauí (2014, p. 136), “cremos que as coisas são tal como a percebemos” e nossa opinião é a aceitação aos ensinamentos que nos são repassados. Esses dois graus do conhecimento correspondem ao conhecimento sensível, em que o raciocínio exercita o pensamento e o prepara para a intuição, “que conhece a essência das

coisas, o que Platão denomina ideia” (*idem*, 2014, p. 136). É importante destacar também que esses graus do conhecimento retratam o conhecimento inteligível¹.

O pensamento platônico é marcado pelo idealismo como forma de se relacionar com a verdade. Rossi (1996) considera o idealismo como uma posição global que assimila o real ao inteligível, uma visão dualista e claramente metafísica, em que o inteligível comporta critérios de verdade e é anterior ao homem, em que as soluções humanas são meras alusões, indicações parciais da verdade. É nesse pensamento idealista e nas influências socráticas que o filósofo solidifica sua filosofia, dividindo sua concepção de mundo em inteligível e sensível.

“O sistema platônico das ideias especifica no ser das coisas não só um elemento imanente capaz de explicá-las, captando sua articulação e estrutura, mas também o seu conceito e o significado deste conceito” (ROSSI, 1996, p. 34). Para isso, fez-se necessário um princípio fundador: “um fundamento objetivo e imutável do saber e também descreveu, admiravelmente, a ânsia de uma busca infinita que se aproximasse, com dificuldade, do seu fim último, impossível ainda ao ser humano” (*idem*, 1996, p. 36). Essa realidade da verdade traz consigo uma referência dos *mythos*, ainda forte na filosofia de Platão, não apenas nessa visão de verdade, mas também na valorização que ele dava à oralidade confirmada “através da sua dialética, construída e articulada pelo diálogo” (*idem*, 1996, p. 36).

A sua obra foi escrita através de diálogos e, entre as obras atribuídas a Platão, podemos dar destaque a quatro: O banquete, A República, Fédon e Teeteto. O livro *A República*, de Platão, “reflete a situação ética-política do século V a. C. e os pontos centrais da metafísica” (PAVIANI, 2003, p. 7), discorre sobre uma verdadeira definição de justiça e “critica a democracia de sua época, especialmente a corrupção e a incompetência” (*idem*, 2003, p. 13), apresentando um projeto de reforma educacional, que preza pelo ensino da lógica e a reconhece como maior influenciadora política.

4 COMPREENDENDO A ALEGORIA DE PLATÃO

Na unidade designada, Platão introduz a percepção de verdade do homem em relação ao mundo, desenvolvendo o pensamento de que existe uma realidade dessa verdade (Mundo Inteligível) que deve ser descoberta pelo homem para que saia da ignorância e, assim, conclui que a educação correta – presente para ele no ensino do cálculo e da aritmética – leva o homem à reflexão e conduz a alma para o ser, relacionando, portanto, conhecimento e educação, além de destacar a influência desses na política, pois o homem ignorante é um mal político. Para melhor compreensão da alegoria

¹ É o objeto do intelecto assim com o sensível é o objeto dos sentidos. Essa simetria é mantida por todos os filósofos que admitem a distinção entre sensibilidade e intelecto (ABBAGNANO, 2007).

de Platão, dividiremos esta unidade em cinco estruturas fundamentais: tema, problemática, tese e raciocínio.

4.1 TEMA: “DO QUE FALA O TEXTO?”

O texto aborda “A natureza humana diante do conhecimento e a educação como libertadora e influenciadora da Política” (PLATÃO, 1988, p. 282), onde o **conhecimento** é visto pelo homem de duas formas: de forma ilusória e de forma real, “tudo o que ele vira até ali não passava de brinquedo e que somente agora, por estar mais próximo da realidade e ter o rosto voltado para o que é mais real é que ele via com maior exatidão” (*ibidem*).

A **educação** é o “que promove aquela mudança de direção” (*ibidem*) do homem e a **política** sofre influência da educação, afinal, “nem os ignorantes e desconhecedores da verdade, nem os que permitimos passar toda a vida nos estudos podem ser bons governantes” (*ibidem*). É dentro desse assunto que Platão irá discutir o problema da unidade delimitada e enfatizar a sua tese.

4.2 PROBLEMÁTICA: “QUAL O PROBLEMA A SER SOLUCIONADO?”

O problema abordado por Platão é a condição da natureza humana em relação à **ignorância** e de como ela era imposta aos homens. Podemos identificar o mesmo no parágrafo em que o filósofo discute a “Alegoria da Caverna” e pergunta a Glauco: “Poderiam ver deles próprios e dos vizinhos alguma coisa além da sombra projetada pelo fogo, na parede da caverna que lhes fica em frente?” (PLATÃO, 1988, p. 281), fazendo referência aos homens aprisionados na caverna, “para semelhante gente a verdade consistiria apenas na sombra dos objetos fabricados” (*idem*, 1988, p. 282).

Platão associa esse problema à política de Atenas, logo, a ineficiência de uma política conturbada é a principal influência que mantém o indivíduo na caverna, pois “a lei não se empenha, absolutamente, em proporcionar a qualquer classe de cidadãos uma vida excepcional” (PLATÃO, 1988, p. 287). O autor diz também que essa “não pretendia que cada um se aplicasse a atividade mais do seu agrado, se não apenas fortalecer os elos da cidade” (*idem*, 1988, p. 287, grifo nosso). Apresenta uma visão política que enfatiza o governo por cidadãos incapazes de exercer seu cargo, visto que não faz uso adequado da sua função e acaba por constituir uma administração corrupta, que pensa somente em seus benefícios próprios.

4.3 TESE: “QUE RESPOSTA DÁ AO PROBLEMA LEVANTADO?”

Acerca desse problema, Platão defende a ideia central – tese – de que a transgressão do homem do conhecimento baseado em sombras para o real discernimento é feita através da **educação voltada**

para a alma. A educação é a arte que se propõe a esse objetivo, conversão da alma e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de consegui-lo. Pode ser identificada no seguinte fragmento:

Se tudo o que afirmamos estiver certo, prossegui, precisaremos chegar à seguinte conclusão: a educação não é o que muitos indevidamente proclamam, quando se dizem capazes de enfiar na alma o conhecimento que nela existe como poderiam dotar a olhos privados de visão. [...] a educação não será mais do que a arte que se propõe a fazer essa conversão [...] a educação promove aquela mudança de direção. (PLATÃO, 1988, p. 285-286).

E defende que uma cidade só pode ser bem comandada se comandada “por cidadãos verdadeiramente ricos [...] no que devem ser ricos os bem-aventurados: em **vida virtuosa e sábia**. Ondes os famintos e mendigos se ocupam dos negócios públicos” (PLATÃO, 1988, p. 288-289, grifo nosso). Concluindo que os filósofos, “os que permitimos passar toda a vida nos estudos” (*idem*, 1988, p. 286), deveriam assumir o governo.

4.4 RACIOCÍNIO: “QUE ARGUMENTOS ELE UTILIZA PARA COMPROVAR A SUA TESE?”

“A **ascensão da alma para a região inteligível** [...] que é a causa de tudo o que é belo e direito [...] precisará ser contemplada por quem quiser **agir com sabedoria**, tanto na vida pública como na particular” (PLATÃO, 1988, p. 284, grifo nosso). Segundo Platão (1988), a educação promove essa mudança de direção. “A educação não é o que muitos indevidamente proclamam [...] essa faculdade é inata à alma, como também o órgão do conhecimento [...] esse órgão, juntamente com toda a alma, terá de virar-se das coisas perecíveis” (*idem*, 1988, p. 285).

A administração corrupta se dá pelos que governam terem recebido a educação inapropriada, logo, **através de uma boa educação, a cidade encontrará bons governantes**. O filósofo destaca isso no seu diálogo com Glauco:

E então? Não será também possível, prossegui, e não decorre necessariamente de tudo o que dissemos até agora, que nem os ignorantes e desconhedores da verdade, nem os que permitimos passar toda a vida nos estudos podem ser bons governantes: os primeiros, por carecerem de um ideal com que relacionem todos os seus atos, assim públicos como particulares; os outros, por não se resolverem nunca a exercer essas atividades, visto já se imaginarem na Ilha dos Bem-aventurados. (PLATÃO, 1988, p. 286-287).

Referindo-se aos filósofos, os que se dedicam a vida toda ao estudo, afirma o seguinte: “não querem os que chegaram a esse ponto ocupar-se com os negócios humanos” (PLATÃO, 1988, p. 284), porém, “é com todo o direito que os concitamos, mais: que os obrigamos a cuidar dos outros cidadãos e a vigiá-los” (*idem*, 1988, p. 287), “tendo sido a educação que vos demos mais perfeita e

completa do que a deles, motivo de terdes ficado capazes de vos aplicardes nos dois campos” (*ibidem*), referindo-se nesse trecho à educação dos filósofos e de como ela é mais completa que a de outros. Esses decidem “permanecer lá em cima [...] e não se decidirem baixar novamente para o prisioneiro nem a compartilhar de seus trabalhos e honrarias” (*ibidem*) e diz que esses seriam “injustos obrigando-os a levar uma vida ruim, quando lhes fora possível viver bem” (*ibidem*).

Além disso, Platão defende que:

As cidades em que o governo é exercido pelos que menos mostram desejo de governar, necessariamente serão mais bem dirigidas e ficarão livres de discórdias, acontecendo o contrário disso nas em que os governantes pensam de modo diferente. (PLATÃO, 1988, p. 288).

Dentro da educação, Platão diz que “certas percepções não convidam a inteligência a refletir” (PLATÃO, 1988, p. 291), como exemplo, “a ginástica se ocupa com o mundo transitório do devir²” (*idem*, 1988, p. 290) e o “conhecimento que vá dar no bem que ora procuras é o que na música não se encontra” (*ibidem*). “Que disciplina nos sobrará, se excluirmos a música, a ginástica e as artes em geral?” (*ibidem*), “qual o ramo do conhecimento dotado desse poder?” (*idem*, 1988, p. 289).

“A ciência geral que serve a todas as artes, ciências e conhecimentos” (PLATÃO, 1988, p. 290), apresentado por Platão como a aritmética e o cálculo. “É possível que seja esse o conhecimento por nós procurado, que leva naturalmente à reflexão; porém nunca é usado como fora preciso, na sua capacidade única de conduzir a alma para o ser” (*idem*, 1988, p. 291).

5 O HOMEM NA REALIDADE: O DUALISMO PLATÔNICO

Ao longo de toda a história humana, o homem pensou a sua existência das mais variadas formas. A busca por uma definição, uma essência, uma identidade acompanha o pensamento humano do período mais clássico ao mais moderno. Essa necessidade de se definir, de buscar uma identidade, que sempre se associa com a maneira de conhecer, com a forma que o homem vê a realidade, o conhecimento como ferramenta de diferenciação dos demais e de localização entre eles também está presente na filosofia de Platão.

Platão define o homem como um “bípede implume”³ – essa definição não deixa de ter influência do “homem ignorante” socrático. Um bípede sem plumas que irá, metaforicamente, adquirindo-as a partir do conhecimento real das coisas, para que elas deem azo à alma para a região

² ou *VIR-A-SER* é o mesmo que mudança, v. movimento (ABBAGNANO, 2007).

³ Esta concepção do homem para Platão está presente na obra *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*, de Mario Sergio Cortella, assim como no livro *Animal Racional ou Bípede implume?*, de Antônio Zilhão.

inteligível. Esse pensamento marca o pensamento platônico como idealista, assimilando o real ao inteligível, gerando uma visão dualista do conhecimento e do homem. Para o filósofo, o inteligível comporta tudo que é verdadeiro e antecede o homem, já o visível não passa de meras alusões da verdade. Baseando-se nesse dualismo, o autor divide sua concepção de mundo em mundo inteligível e mundo visível.

O filósofo explica sua visão da natureza humana em relação ao conhecimento sensível e inteligível de forma alusiva, através do que ficou conhecido como “O Mito da Caverna”, retratado no livro VII da obra *A República*. Na alegoria, Platão compara o homem educado e o não educado, comparando o primeiro a um ser liberto, que vive à luz do conhecimento, e o segundo a um ser aprisionado, acorrentado, condenado à escuridão. O ser aprisionado na caverna tem seu conhecimento baseado em sombras distorcidas do que é real, a educação seria a ferramenta libertadora, pois ela iria possibilitar a contemplação do mundo como era realmente, além de permitir ao homem conhecer a causa de tudo o que é belo e direito, a geratriz do mundo visível.

Platão enfatiza que todo saber só é válido e lógico se partir do inteligível, se for uma ideia – a experiência, portanto, por partir dos sentidos, que estão em constante mudança, não pode fornecer um conhecimento verdadeiro. Para ele, todo conhecimento parte da nossa consciência por meio da contemplação das coisas, parte de um reino de ideias.

Nossa alma guarda todas as ideias, pois ela já conhecia as formas das coisas antes que viéssemos ao mundo, e a educação é uma faculdade inata à alma, capaz de fazer o homem virar-se aos sentidos (Platão, 1988). Essa educação deveria ser voltada para a alma, para que nós pudéssemos recordar das ideias. Conhecer para Platão é recordar, todo conhecimento é na realidade uma teoria da lembrança. Dessa forma, o conhecimento seria inato à alma, nós bípedes recolhemos plumas já existentes para criarmos asas a nossa alma, para possibilitar que ela atinja a região do inteligível.

Esse pensamento tornou-se grande influenciador de outras teorias e doutrinas ao longo da história. A título de exemplo, de acordo com Zylbersztajn (1998), Koyré acreditava que:

a abordagem usada por Galileu na investigação da natureza foi fortemente influenciada pela filosofia de Platão, que já havia na antiguidade marcado a ciência de Arquimedes. Essa influência se evidencia, por exemplo, na ênfase dada por Galileu à matemática como instrumento para a apreensão da natureza. [...] A busca de uma ordem na natureza, através das abstrações da matemática, encontra-se diretamente relacionada com a teoria platônica das formas ideais, das quais o mundo em que vivemos não seria mais do que uma cópia imperfeita. É por este motivo, sustenta Koyré, que a física de Galileu se dá em um mundo idealizado constituído por planos completamente lisos, esferas perfeitamente esféricas e corpos absolutamente duros (KOYRÉ, 1982, apud ZYLBERSZTAJN, 1998, p. 41).

É neste sentido que Homem (2019) pontua seu rompimento com o épico, que descende da mitologia, como os vestígios do mesmo e sua influência em filosofias precursoras. Afirmando que, na filosofia de Platão,

Deparamo-nos, assim, com um Mundo como Vontade e Representação que em Platão resultaria na síntese entre a ideia ou *unitas ante rem* e o conceito ou *unitas post rem*, dando um sentido fundamental, citando Sócrates, de parto e uma alegoria da caverna que é, desta maneira, uma imagem ao mesmo tempo pós-Neolítica e nova-Patristica (em plena idade *Humana, Demasiado Humana*, em que *epos* se torna *antipous* a si mesma) embora ainda Matriarcal, recôndita e ventral, versão sem a qual a monarquia das esferas que tem o modelo do infante assegurado não aconteceria (HOMEM, 2019, pp. 4395-96).

É nesta perspectiva que falaremos na atemporalidade do conceito de educação da filosofia de Platão e sua influência nas teorias educacionais que permeiam até a atualidade. Em uma alegoria da caverna que versa sobre um modelo de educação que permeia o contemporâneo e que embora tenha fissuras em suas paredes foi fundamental para que outros modelos educacionais emergissem.

6 A EDUCAÇÃO COMO LIBERTADORA

Identificamos, no pensamento de Platão, o conceito de educação como modo de transformação do indivíduo e meio para torna-los capazes de alcançar a virtude⁴ da alma. Isso dependerá da maneira que se realizará essa condução educacional, devendo ser realizada de forma a levá-lo à ascensão da alma para a região inteligível, livre de atos corruptivos – atos que acabam por contribuir para as mazelas sociais. O filósofo vê na educação uma função libertadora da alma e diz que “a educação não será mais do que a arte de fazer essa conversão [...] a educação promove aquela mudança de direção” (PLATÃO, 1988, p. 286).

Para Platão, quando essa educação é mal direcionada, contribui para a formação de um cidadão corrompido pela sociedade. E o ser humano, que possui uma alma boa por natureza, ao receber influências ao longo de sua formação, acaba desviando os olhares para outras direções e, dessa forma, acaba por enxergar somente através do mundo das sombras, que se baseia nas opiniões, visto que essas sombras estão ligadas ao senso comum da realidade – Rousseau (2011) frisa,

⁴ lat.virtus. Este termo designa uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou ser a que pertença. seus significados específicos podem ser reduzidos a três: 1° capacidade ou potência em geral; 2° capacidade ou potência do homem; 3° capacidade ou potência moral do homem. [...] No terceiro sentido, o termo designa uma capacidade do homem no domínio moral.[...] a) A V. como capacidade de realizar uma tarefa determinada é conceito platônico . Assim como os órgãos (p. x. , a função dos olhos é ver, e a possibilidade de ver é a V. dos olhos, a alma tem suas próprias funções, e sua capacidade e cumpri-las é a V. da alma (Rep. , I, 353) .Por isso, segundo Platão a diversidade das V. é determinada pela diversidade das funções que devem ser cumpridas pela alma ou pelo homem no estado. As quatro V. fundamentais ou cardeais (v.) são determinadas pelas funções fundamentais da alma e da comunidade (ABBAGNANO, 2007).

posteriormente a Platão, que o homem nasce bom e a sociedade que o corrompe; em Platão, o homem é essencialmente bom e é na educação que não se volta para a alma que ocorre a corrupção do homem.

Segundo Platão (1988, p. 285), “a educação não é o que muitos indevidamente proclamam”, o domínio da educação pode ser observado na formação pedagógica e essa educação deve ser feita de dentro para fora, promovendo uma mudança de direção dos indivíduos, fazendo com que ocorra a transição do mundo das sombras para o mundo das ideias e, com isso, os indivíduos sejam capazes de contemplar o mundo do conhecimento e da sabedoria. Nesse sentido, só proclama a educação aquele que tem o domínio dos ensinamentos a serem transmitidos, ou seja, o filósofo.

Nessa forma de pensar a educação, ao atribuir essa função libertadora, Platão dá à educação uma característica dominadora e formadora. É a educação que forma tanto o homem aprisionado na ignorância como o homem liberto dela. E a política nada mais é que o reflexo dessa educação, que seria capaz de determinar se o governo seria corrupto ou justo.

Na sua filosofia, encontramos o primórdio do pensamento, da educação como campo de poder, como um território de domínio em disputa e como prática formadora do homem. Afinal, Platão defende que a educação libertadora deveria ser realizada por um grupo seletivo, por aqueles que se libertaram, pelos filósofos – caberia a eles o papel de educar, uma vez que a educação corrupta era dada por aqueles que não se libertaram, assim, cabia aos indivíduos influentes da sociedade selecionar o que era ensinado e para quem era ensinado. Percebe-se, na visão de Platão, mesmo que antiga, a educação como “o campo do conhecimento [...] mais dinâmico, mais complexo e mais disputado” (ARROYO, 2011, p. 37).

Desse modo, nota-se que os argumentos de Platão acerca da educação como instrumento de libertação do homem, e conseqüentemente como lugar de poder e influência política, foram utilizados ao longo da história até a atualidade, embasados nas ideias de diversos estudiosos - entre eles o próprio Freire (2000) - pensadores que corroboram com a tese de que a educação é libertadora e, por outro lado, é pela deturpação da educação que os homens permanecem na ignorância. A educação que tanto liberta como aprisiona, dependendo de seu direcionamento, tornou-se atemporal.

7 AS FISSURAS NA ALEGORIA DA CAVERNA

Sendo um grande influenciador através da história, tendo convergências e divergências de seus pensamentos, contribuiu para que diversos filósofos pudessem desfrutar de seus conhecimentos, inclusive de sua dialética, ou mesmo contrapor-se a ela. A alegoria da caverna é talvez a unidade textual mais famosa de Platão, de fundamental importância para entender seu pensamento. A educação como fonte de liberdade da ignorância para a formação de uma sociedade com pessoas

capazes de governar em prol da maioria é, provavelmente, a ideia mais aceita de Platão até a atualidade. Por outro lado, sua forma de pensar o conhecimento empírico pode ser questionada.

Ao dizer que o conhecimento que parte dos sentidos não pode ser válido, o conhecimento deixa de ser uma construção humana e passa a ser mera recordação de uma outra encarnação. Porém, afirmar isso seria quase como afirmar que, ao derrubar café quente em mim, eu apenas sinto queimar porque minha alma uma vez avistou a forma da dor da queimadura, então, apenas sinto dor e chego à conclusão de que café quente queima porque antes de vir ao mundo minha alma já sabia que algo quente queima a pele. Um exemplo exacerbado? Talvez. Menos exacerbado que afirmar que nada do que aprendo com meus sentidos, minha experiência, é válido para a aprendizagem, para a construção do conhecimento.

Não se busca, com isso, afirmar que a teoria de Platão em relação ao conhecimento não é válida. Cabe aqui ressaltar que é com Platão que vemos o início do Criticismo, isso é, em sua teoria, observamos uma necessidade de questionar todo conhecimento que é imposto a nós e acreditar em uma racionalidade humana. O que deve ser questionado é que o conhecimento não pode ser reduzido a uma autorreflexão do espírito. O conhecimento não pode ser apenas uma visão de si, assim como não pode ser apenas uma visão de mundo – algo que é muitas vezes pregado no racionalismo.

O conhecimento não parte apenas de um lado, não é uma única visão, seja ela de si ou do mundo, ele é ambas as visões, é resultado tanto da autorreflexão do espírito como da autorreflexão do mundo. Há validade em ambas fontes de conhecimento, assimilados por meio da contemplação ou por meio da experiência.

Um conceito só pode ser construído pela prática: ao ensinar, é necessário buscar métodos, selecionar os saberes válidos, ordená-los para que se chegue ao objetivo traçado, levando em consideração para quem se ensinará. Esse processo será denominado “currículo”, pois ele representa toda a trajetória proposta para a aprendizagem. Essa palavra deriva da palavra *cursus*, em latim, trajetória. É com base na prática que o que é feito é nomeado. Por tanto, para conhecer, precisa-se tanto de conceitos como de práticas, tanto da indução como da dedução.

Outro contraponto, é o de que Platão enxergava na educação o método de conversão da alma em que somente os bem aventurados, aqueles que se libertavam da caverna e suas sombras, saberiam governar de forma justa a *polis*. A defesa de uma cidade governada pelos mais sábios – e apenas por esses – traz, à visão política de Platão, um ar totalitário, mesmo que sua visão de educação não defendesse um ensino em que o aluno fosse livre para chegar às próprias conclusões por meio da contemplação.

8 DAS CAVERNAS CONTEMPORÂNEAS

Na alegoria da caverna, Platão compara todo conhecimento imposto ao homem no mundo a sombras distorcidas da realidade, dessa forma, vivemos uma falsa realidade. É possível nos questionar se essa comparação não cabe também aos dias atuais? Estaremos vivendo dentro de cavernas? Não estaríamos somente aceitando essas sombras sem questionar a veracidade? Afinal, qual seria a forma de alienação dos indivíduos presos em cavernas na atualidade?

Somos constantemente bombardeados por informações, vivemos em um mundo cercado de tecnologias que possibilitam o acesso fácil e rápido a qualquer tipo de conhecimento. Mas, que tipo de critério utilizamos para filtrar todas essas informações? Estamos cada vez mais imersos às alusões da realidade. Com o avanço tecnológico, passamos não apenas a ter mais dificuldades de distinguir o real dos reflexos da realidade, mas também a produzir sombras e dar a elas a forma que desejamos. Imagine que um daqueles prisioneiros aproveite a luz que entra pela fresta da caverna e perceba que pode modelar várias formas da sua própria sombra e, então, passa a aperfeiçoar as formas, nomeá-las e compartilhá-las a amigos como formas reais da realidade.

Os avanços tecnológicos têm trazido cada vez mais alusões do verdadeiro, virtualizando a realidade. Estamos cada vez mais preocupados em seguir padrões dentro da sociedade na qual vivemos, a televisão, revistas e redes sociais tendem a fazer seus usuários criarem uma falsa representação das coisas, incitando a criação de estereótipos de tudo que o cerca: do belo, do feio, do bom, do ruim, gordo, magro, fazendo com que sigam um padrão, como uma forma de se inserir na sociedade. Acabamos por não olhar para as coisas que estão acontecendo em tempo real, à nossa volta, pois estamos cada vez mais imersos em um mundo de representações do real.

Somos incitados a acreditar que o virtual é mais prático, mais rápido, mais prazeroso, melhor que o real. Para quê gastarmos tempo e energia em um trânsito intenso para termos uma conversa que podemos ter de casa? Para que gastarmos dinheiro e papel lendo livros físicos se podemos lê-los em meio digital, ou melhor, ouvi-los apenas? Qual o sentido de ir a um restaurante se podem me entregar a comida em casa? Para quê ter um animal de estimação se posso ter a mesma sensação ao cuidar de um bichinho virtual?

Notamos uma passividade cada vez maior por uma busca pela mudança, por questionamentos. Não vemos isso como um problema, e sim como um “avanço”. As pessoas estão intrinsecamente voltadas ao comodismo. Platão associa esse comodismo às alusões da verdade da realidade à educação e, atualmente, por exemplo, temos conceitos como o de currículo, que tratam essa situação como uma situação de controle. Teóricos como Miguel Arroyo (2011) vêm associando a educação como um canal de mediação entre o desenvolvimento e o controle do indivíduo. Dessa forma, o indivíduo acredita estar crescendo socialmente, quando está sendo orientado de acordo com

os interesses de uma classe opressora, firmando cada vez mais seu lugar como subordinado na sociedade.

Segundo Marx (1981), existem quatro formas de alienação humana: a alienação dos seres humanos em relação à natureza; em relação à atividade produtiva que desempenha na sociedade; em relação à sua própria espécie; e a alienação de uns em relação aos outros. O fato é que desde a mais tenra idade, ou até mesmo sem termos consciência da nossa própria existência, somos inseridos de forma obrigatória em vários sistemas gerados no seio da sociedade.

Fundamentando-se na teoria da alienação de Marx, Pinassi (2017, p. 7) declara que “o quadro atual, portanto, potencializa a urgência histórica de um enfrentamento decisivo e real contra o poder da alienação, e renova a necessidade da crítica [...]”. É, na atualidade, que a criticidade ao que nos ensinado, posta por Platão, se torna tão necessária. Que a educação, tanto como libertação como aprisionadora, é diariamente evidenciada, estudada e problematizada.

A contemporaneidade, sobretudo a juventude, deseja respirar e beber da fonte da liberdade que a ideologia capitalista alude ao ser humano: aquele espírito de independência que precede a desejada felicidade. Contudo, para que isso se concretize, alguém tem que ficar de fora desse gozo, haja vista que esse sistema – o capitalista – é seletivo. Logo, o dualismo em que o homem se encontra na realidade – este do homem liberto ou aprisionado - é refletido na educação que, nesse caso, acaba sendo condicionada, reduzida a mera alienação, reprodução do sistema vigente, atendendo e satisfazendo as necessidades mercadológicas, ou pensada e praticada como instrumento da criticidade e libertação humana.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizarmos todos os procedimentos das diretrizes propostas pelo autor, a leitura do texto – que causava certo espanto e preocupação em um primeiro contato – tornou-se simples e fluida, então, pôde-se compreender bem mais da mensagem que o filósofo em questão passou. Conhecer o contexto de Platão, seu pensamento e suas obras, mesmo que de uma maneira breve, possibilitou a compreensão do texto.

Concluimos que a análise temática poderá servir de base para a construção de resumo ou síntese de um texto e para a construção de um roteiro de leitura, além da elaboração do organograma lógico de uma unidade delimitada. Se bem elaboradas, essas duas diretrizes – textual e temática - irão compor a base para uma leitura, análise e interpretação textual mais proveitosa e, assim, deverão ser realizadas em toda leitura analítica de uma unidade delimitada, possibilitando a interpretação e a possível elaboração de uma crítica.

A partir dessas diretrizes, compreendemos o conceito de Educação presente na Alegoria e suas influências até os tempos atuais, ressaltando a atemporalidade do pensamento de Platão, sendo utilizado ao longo da história, até a atualidade, para embasar diversos estudiosos e pensadores que corroboram com a tese de uma educação que tanto liberta, como aprisiona, dependendo de seu direcionamento, e que é ferramenta para política.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Metafísica*, A 6, 987 a 30 a 988 a 15. In: REALE, G. **Aristóteles: Metafísica**. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002. pp. 35-39.

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia-História de Deuses e heróis**. 28. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CHAUÍ, M. **Iniciação à filosofia: ensino médio**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

- HARE, R. M. **Platão**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- HOMEM, L. M. Quais os nossos deveres em relação às gerações futuras?/What are our duties towards future generations?. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 6, p. 4372-4399, 2019.
- MAGEE, B. **História da filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARX, C.; ENGELS, F. **Tesis sobre Feuerbach**. Moscú: Editorial Progreso, 1981.
- PINASSI, M. Apresentação. In: MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx**. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. p. 7-13.
- PLATÃO. **Os sofistas**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- PLATÃO. Livro VII. In: _____. **A República**. Belém: UFPA, 1988.
- PAVIANI, J. **Platão & a República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social: princípios de direito político**. Tradução: Antônio P. Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ROSSI, R. **Introdução à filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- SANTOS, M. J. **Os pré-socráticos**. Juiz de Fora: UFJF, 2001.
- SEVERINO, A. J. Diretrizes para a leitura, análise e interpretação de textos. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- VERNANT, J. P. **Mito e Sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- VERNANT, J. P. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ZILHÃO, A. **Animal racional ou bípede implume?** Lisboa: Guerra e Paz, 2010.

ZYLBERSZTAJN, A. Galileu: um cientista e várias versões. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 5, p. 36-48, jun. 1988.